



## **Uma análise das relações de trabalho na Polícia de Los Angeles - Uma análise crítica do filme “Marcados para Morrer”.**

### **INTRODUÇÃO**

“Marcados Para Morrer”, de David Ayer (2012), à primeira vista, talvez não se encaixe entre os tipos de roteiros mais buscados para uma análise sobre o mundo do trabalho, do trabalho policial ou mesmo para uma crítica sociológica da atividade policial. Contudo, esse diretor e roteirista especializado em dramas criminais, desde a primeira cena, traz uma dinâmica distinta para abordar o dia-a-dia do trabalho policial, amorfada se confrontada aos batidos dramas policiais.

A dupla formada por um branco Bryan Taylor (Jake Gyllenhaal) e um latino Mike Zavala (Michael Peña), patrulha asperigosas áreas de South Central, subúrbio de Los Angeles. Taylor é um patrulheiro que faz curso de cinema nas horas vagas e está o tempo todo com uma câmera, que utiliza para registrar seu cotidiano como policial, com o intuito de fazer um documentário. Enquanto, Mike Zavala é um ex-drogado, sem formação profissional, que entra para polícia para assegurar um emprego e um futuro ao lado da esposa que aguarda seu primeiro filho. Os jovens policiais fazem seu trabalho

corretamente, mas após uma abordagem que resultou na apreensão de armas e dinheiro, tornam-se alvos de uma perigosa gangue.

A trama de “Marcados Para Morrer”, trata do cotidiano policial por uma perspectiva que denota de imediato uma tentativa de rompimento com o tradicionalismo das narrativas, há um estabelecimento de uma dinâmica não convencional, na qual os personagens centrais, os policiais Bryan Taylor (Jake Gyllenhaal) e Mike Zavala (Michael Peña) surgem em cenas encadeadas de perseguição a membros de gangue pelo periférico de South Central.

A partir daí se percebe uma luta intensa da dupla e do Departamento de Polícia de Los Angeles no enfrentamento das gangues e seus violentos integrantes. A disputa de áreas, as ações violentas e os confrontos étnicos raciais são elementos que David Ayer utiliza para retratar o duro trabalho da polícia.

O enredo, sobretudo avoca a rotina de uma profissão engajada num modelo profissional-burocrático, onde as relações profissionais se dão através da disciplina e hierarquia, num cenário que, em tese, prevalece o império da lei. No quadro das relações sociais, mostra-se patente a existência de uma subcultura social própria, caracterizada por comportamentos e regras particulares.

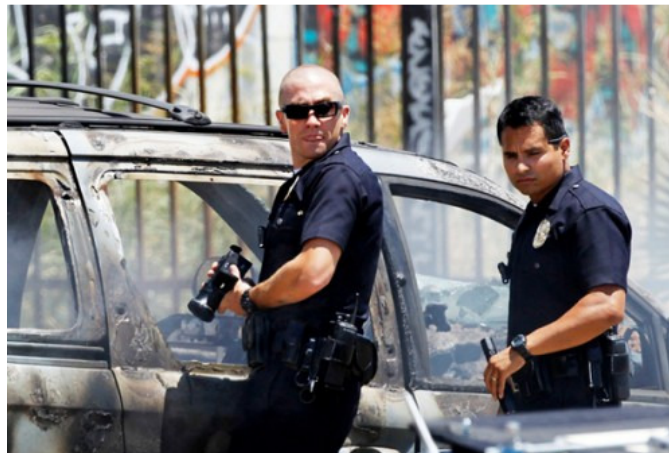
A abertura do filme se dá com uma perseguição policial em South Central, subúrbio de Los Angeles, as cenas são dirigidas pelo monólogo que, se infere à Brian Taylor (Jake Gyllenhaal):

### **Do enredo**

*Eu sou da Polícia e tô aqui pra te prender. Você violou a lei. Não fui eu quem fiz a lei. Eu posso até discordar da lei, mas vou assegurá-la. Não importa o quanto você peça, suplique, implore ou tente me convencer: nada do que você fizer ou disser vai me impedir de te colocar numa jaula com barras de ferro. Se você fugir, eu corro atrás. Se você me enfrentar, eu luto com você. Se atirar em mim, eu atiro de volta. Pela lei, eu não posso dar as costas. Sou a consequência, a cota que não foi paga. Sou o destino, com distintivo e arma. Atrás do meu distintivo tem um coração como o seu. Eu sangro, eu penso, eu amo, e também posso ser morto. E embora eu seja apenas um, tenho milhares de irmãos e irmãs iguais a mim. Eles vão arriscar a vida por mim, e eu por eles. Nós somos a Polícia.*

Esse início parece querer mostrar a polícia como instituição do Estado moderno, orientada exclusivamente pelos desígnios “da lei e da ordem”. A ideia da prevalência do “Império da lei” como balizador indelével da atividade polícesca, numa concepção de que o onipresente Estado Democrático de Direito é o garantidor das relações entre a Polícia e a sociedade.

Desta maneira, principiando por uma vista do vestuário do DPLA, Taylor começa si apresentando, bem como ao amigo Zavala. Segue-se a enumeração de alguns dos equipamentos táticos usados durante o trabalho, tudo isso antecedido pela fala: *“aqui que as forças do bem se preparam pra lutar contra as do mal”*. Já neste ponto, nota-se, segundo descreveu (BATITUCCI, 2011), como um dos elementos que estariam associados à construção histórica do ideal profissional das organizações policiais americanas, a consolidação de um ideal de serviço – a “luta contra o crime”.



De maneira geral, as dimensões do status profissional da carreira policial são sutilmente observadas durante toda a trama. Pois vejamos, que na cena seguinte, quando há um briefing, onde o “Capitão” comenta o retorno de Taylor e Zavala, após a troca de tiros, quando mataram dois bandidos; o capitão assevera que mesmo na função policial, atirar ou matar ainda é considerado homicídio, observa-se aí mais uma vez a imposição dos limites legais à função policial. E, continua o capitão: *“se fizerem a coisa certa, protegerei sempre vocês, mas façam a coisa errada ou me enganem e eu jogo pessoalmente vocês embaixo de um ônibus, eu fui claro?”*. Esta é outra clara menção a

autoridade de caráter hierárquico e ao controle sobre o policial de linha, corolário da disciplina militar.

A instrução segue com a orientação do sargento (não identificado), que instrui que os policiais façam suas tarefas rotineiras: multar, preencher os talonários de multas. Isto é, deve-se manter o limite de suas atuações. Observa-se que aqueles policiais tem um limite de atuação, não tão somente determinados pela cadeia hierárquica, mas também por uma estratificação das atividades, que presume uma especialização do trabalho dentro do modelo fordista.

Na saída da instrução, uma das policiais, no meio do comentário sobre Taylor estar fazendo um curso de cinema como atividade extracurricular de sua graduação, menciona que ela mal havia concluído o ensino médio. Essa referência trás à discussão a alusão à baixa escolaridade e a fragilidade da formação policial. Ainda que, as polícias norte-americanas estejam entre aquelas que apresentem melhor preparo técnico, tala crítica tem cabimento dado que o profissionalismo policial é outra das dimensões de caráter histórico da institucionalização da polícia.

Nas linhas anteriores indicamos o enredo como amorfo, é de fato o é, pois não há um enredo sequenciado ou um encadeamento que indique uma rotina como se percebe ao longo da película. Assim, ao receberem o primeiro chamado do dia de retorno às atividades, o clima descontraído anima a conversa entre Taylor e Zavala, chegando ao local da ocorrência, uma discussão familiar; o suspeito, um negro, diz entre outras coisas: eu sou "*Sangue*", a identificação de que pertence a uma das gangues que disputam o subúrbio de South Central. De fato, o DPLA reconhece que o Condado e Cidade de Los Angeles são a "capital da gangue" da nação. Existem mais de 450 grupos ativos na cidade, muitos dos quais já existem há mais de 50 anos, com sociedades que combinam mais de 45.000 indivíduos.

Num novo recorte daquela realidade, na cena seguinte, surgem os mexicanos da gangue "Carby Side Locos", armados com automáticas, o plano é atacar a gangue rival "Sangue", constituída por negros, é o avanço do tráfico pela disputa na área de South Central, mais que ódio racial. Um dos principais fatores que contribuem para o aumento das gangues, se violência tem sido o comércio de narcóticos lucrativo, com gangues rivais que disputam a maior quota de mercado. Depois do atentado da "Carby Side Locos", Taylor

e Zavala reaparecem no local onde o veículo usado no ataque foi abandonado. O veículo foi carbonizado, a fim de evitar sua identificação.

Por estarem ali, Taylor e Zavala foram chamados a atenção pelos investigadores que chegaram a seguir. Investigação de cena de crime é trabalho especializado, o que não é tarefa destinada aos policiais de rua. Novamente, a estratificação do trabalho surge como um elemento de reforço da hierarquia e da disciplina, características da modernização militarizada das polícias. A ordem burocrática se realiza por meio da cadeia de comando hierárquico da organização, é o princípio básico que torna possível a obediência (BATITUCCI, 2011).

As diferenças não estão apenas entre os escalões da corporação. Mas funcionam também entre, os amigos Taylor e Zavala. A sequência, mostra que para suportar a dureza da atividade policial, os momentos de descontração e são importantes, durante todo o filme há esses recortes. Contudo, desta feita a descontração vem do brincar com os diferentes costumes do outro e origens da dupla. O clima de humor e tolerância com base em suas diferenças raciais, culturais e sociais são expostas com suavidade, a fim de demonstrar que a relação corporativa é mais forte e importante que quaisquer outras. Pois, como viu-se no monólogo inicial, o policial é como você!

A observação dessas particularidades, aflições e desejos, tende a aproximar o policial do cidadão comum. Essa humanização do policial resta clara, quando no atendimento de uma nova ocorrência, a dupla atende um chamado de desaparecimento de crianças. A mãe diz que os filhos sumiram; o homem que estava com ela diz pra ela não diga nada. A mãe está confusa, parece drogada. Taylor encontra as crianças amarradas e amordaçadas dentro de um closet, ele perde o controle por um minuto e ataca o suspeito. É o lado humano se manifestando, frente aquela situação. Ele não lida bem com o ocorrido. Pois, atrás daquele distintivo tem um coração como o seu.

À noite, em uma nova patrulha, surgem novamente às diferenças culturais, agora a questão é sobre como cada um lidar com os sentimentos e relacionamentos amorosos. Zavala parece ter mais sorte neste campo, afinal está casado com a primeira namorada. E, Taylor busca uma nova namorada. Mais uma vez, há um toque de humanidade no policial-

herói, que o equipara ao homem comum. Mais uma vez o monólogo de introdução está presente: “Eu sangro, eu penso, eu amo, e também posso ser morto”.

Talvez essa humanização que a trama dá aos policiais, seja a forma encontrada para contrapor e tornar mais nítida parte daquilo que descreve como um legado ambíguo do profissionalismo policial, tais como, o isolamento social e a subcultura policial. Um pequeno traço dessa subcultura fica aparente na pergunta que Zavala faz a Taylor sobre a nova namorada: “você já levantou a ficha dela?”. Isto porque virou praxe entre os policiais em muitas cidades, levantar a ficha criminal de qualquer estranho com os quais passem a se relacionar. No caso da DPLA, a prática é levantar ficha de qualquer namorada.

Também é de notar-se que o roteiro é praticamente construído de uma sequência de ocorrências. Ou melhor, de uma rotina de solicitação de serviço policial, atendimento telefônico da solicitação e despachos das ocorrências. De maneira geral, o filme não trata das dificuldades do trabalho policial, até porque se dá num cenário idealizado. Contudo, esse número de atendimento causa uma sobre carga, que registra como expansão exponencial do acesso à polícia, representado pelo uso intensivo do telefone e de centrais de atendimento e despacho, rapidamente acabou por sufocar a capacidade das organizações policiais.

Como observamos, a dupla parece sempre estar disponível para atender uma nova ocorrência. De fato, é o que acontece na cena seguinte, eles vão atender a um chamado de perturbação do sossego, trata-se de uma festa da gangue “Carby Side Locos”. Ao chegar ao local, Taylor é logo encarado pelos líderes da gangue. Uma policial de origem hispânica fala com a líder do bando. Elas parecem se conhecer. A suspeita acende um cigarro de maconha e diz: *você (a policial) devia fumar, você lembra-se dos velhos tempos?*

A despeito das diferenças hierárquicas, econômicas e sociais que possa haver entre os policiais de Los Angeles, Taylor e Zavala são dois policiais honestos que gostam do que fazem e, respeitam os limites legais, mas por vezes excedem os limites das suas atribuições. Assim, a dupla faz campanha na casa da mãe do Big Ivel (líder da Carby Syde), eles pretendem estabelecer a relação da gangue com o comércio de drogas. Mas, essa não é a função deles.





Aí, nota-se a quebra da hierarquia e a discricionariedade do policial de linha. Essa questão da discricionariedade é apontada como um problema da profissionalização das instituições policiais, *vis-a-vis*, a medida que se desce na cadeia hierárquica, aumenta a discricionariedade do policial de linha.

A mãe de Big Ivel entrega uma panela a um dos membros da gangue. Taylor e Zavala, então, precisam criar um fato que justifique a abordagem ao veículo. Zavala sugere que um CD que estaria obstruindo a visão do motorista seja o motivo. Verifica-se aí, que não se restringem totalmente aos ditames normativos e legais. Mas, é irregularidade moralmente aceitável, dado que justificaria a luta do bem contra o mal. Pois, a abordagem ao suspeito resulta na apreensão de armas e dinheiro.

No DPLA, enquanto preenchem a papelada (sangue da burocracia), recebem elogios do Capitão, um reconhecimento pelo ótimo trabalho. Eles reconhecem a autoridade do superior e o admiram. Assim, além do rigor militar que mantém a obediência como vínculo do policial com a instituição. Assim, no cerne das relações hierárquicas, percebe-se a dominação legítima, que segundo Max Weber tem na “burocracia” como o tipo mais puro dessa dominação.

Embora a modernização da Polícia tenha produzido um novo sentido de missão, a luta contra o crime e deixado os serviços comunitários relegados ao segundo plano (BATITUCCI 2011), em vários momentos do filme é possível identificar ações que tendem a aproximar mais a polícia do cidadão e, essa tentativa vem em forma de serviços, que não necessariamente se caracterizam como combate ao crime. Exemplo, é a patrulha noturna, quando a dupla identifica um começo de incêndio em uma residência e salvam a família,

retirando as crianças da casa em chamas. É a tradução mais clara da inscrição que tem nas portas de sua viatura: “Servir e Proteger”.

Após o ato de valentia, Taylor e Zavala são homenageados com medalhas por bravura. O reconhecimento institucional e social do trabalho da polícia. Logo depois, Taylor pergunta se Zavala se sente como um herói. E, diz: “*só entrei na casa porque você entrou!*”; trata-se de uma clara cobrança de apoio mútuo. Pois, é isso que o corporativismo que mantém o apoio mútuo entre os colegas de farda.

A cobrança antecipada resta cristalina quando Taylor fala sobre a investigação que está fazendo sobre a prisão efetuada do “Cowboy”, suspeito preso na casa da mãe de Big Ível. Taylor quer que Zavala vá com ele investigar uma casa da qual suspeita. Zavala resiste, dizendo: você não é detetive! Taylor responde: “mas eu quero ser, vamos comigo!” Convencido por Taylor, Zavala o acompanha até a casa em questão, onde encontram várias pessoas em situação de cárcere. Desta feita é Zavala demonstra emoção. Pois, trata-se de imigrantes ilegais mantidos como animais. Zavala não reage bem ao ver aquelas pessoas aprisionadas.

De repente, chegam agentes federais dizendo que a dupla atrapalhou uma investigação federal, que perderam um suspeito por culpa da intervenção dos dois policiais. Taylor pede informações sobre a pessoa que eles prenderam. O agente informa que eles tenham cuidado, pois o suspeito é um atravessador do cartel Sinaloa. Cartéis estão atuando aqui, “tomem cuidado!”, “vocês mexeram com o rabo da cobra que vai se virar e picar vocês”.

O DPLA reconhece que um dos principais fatores que contribuem para o aumento gangues e da violência entre gangues tem sido o comércio lucrativo de narcóticos, com gangues rivais disputando a maior quota de mercado.

A frustração é inevitável para a dupla, pois fizeram “a coisa certa”, mas deu tudo errado. Taylor diz *é tráfico humano!* Inconformado com a natureza do crime e um tanto desconcertado com o desfecho de sua incursão além dos limites de suas atribuições como policial de linha.



As condições de trabalho se repetem, nova patrulha noturna por South Central, Taylor pergunta, quando Zavala soube que iria se casar com sua esposa. Zavala conta, que era maconheiro e, que a namorada disse que ele ia entrar para a polícia. Pois, só assim iria ganhar dinheiro sem diploma. Novamente, vem a tona a questão da origem e da formação do policial.

Taylor e Zavala são requisitados para dar apoio à guarnição da “novata”, pois ela precisa de ajuda. Eles se dirigem para o local, encontram o cabo Van Houser com uma faca enterrada no globo ocular. Eles chamam o resgate e tranquilizam o policial ferido, partem atrás do suspeito, o encontram, é Big Ivel, líder da gangue Carby Side, espancando a violentamente a “novata”.

O resgate chega ao local, à preocupação do cabo é seu uniforme, supostamente cortado durante o atendimento. O sargento chega e pergunta: “*por que não atirou nele?*”. Taylor responde: “*eu não estava a fim de matar ninguém sargento!*”. O sargento diz que a “novata” e o cabo Van Houser não voltarão ao trabalho. Duas policiais femininas que estão no local, dizem que a novata não passaria no probatório e, que ela quase deixa o cabo Van Houser morrer. O sargento pergunta se elas têm alma; respondem que deixaram em casa.

Taylor se casa com a namorada, uma festa animada, os amigos policiais estão presentes. Zavala, discursa: “Janeth é corajosa, como as demais esposas de policiais, por ter se casado com um policial”. Agora, ele e todos os policiais são irmãos dela. Depois, os amigos dizem que defenderiam um ao outro com a própria vida. O sargento conversa com cadetes sobre seu antigo parceiro que morreu ao levar um tiro por ele. A dupla continua a fazer promessas de cuidar um da família do outro, caso esse falte.

As rotinas de patrulhamento se seguem, Taylor continua gravando para seu documentário. Eles conversam sobre que ocorrência atender. Devemos observar que quase nunca isso é possível na atividade policial. Pois embora, como já dito antes, quanto mais distante na escala hierárquica, maior a discricionariedade do policial de linha, não há a possibilidade de escolha de que ocorrência atender ou não. Eles resolvem atender uma ocorrência aparentemente simples, trata-se de uma filha que relata desaparecimento da mãe, uma senhora idosa. Assim, depois Taylor e Zavala poderiam ser enviados a uma ocorrência mais complexa.



De maneira geral, a atividade policial trás mais riscos aos seus operadores que a maioria das profissões. Taylor faz uma adução desses riscos, quando diz que: “*na zona sul, policiais envolvem-se em mais problemas do que em outras áreas*”. Taylor continua gravando, enquanto Zavala vai checar a casa da senhora, em tese, desaparecida. Essa seria mais uma aproximação da polícia ao cidadão, através da prestação de serviços à comunidade. Contudo, há algo de estranho, eles entram na casa e notam odor de cadáver; há vários celulares sobre a mesa, encontram o cadáver da senhora enrolado em saco plástico, caixas cheias de drogas, o fogão ainda está aceso. Um sinal de recenticidade da presença de um invasor. Vasculhando a casa em busca de um suspeito, encontram vários quartos esquartejados. Zavala está estranho, são corpos de mexicanos.

Uma vez mais, David Ayer apresenta o lado humano da polícia, a conduta sentimental de homens que se embruteceram com a violência das ruas, nem pela barbaridade dos crimes com os quais tem que conviver como resultado de uma atividade laboral estressante e de alto risco.

Depois de chamarem reforços para a cena do crime, chega também a imprensa que, fala da maior apreensão de drogas dos últimos tempos na cidade. Os corpos mutilados também são manchete. No entanto, a polícia nega envolvimento de cartéis mexicanos. Nesse ponto, percebe-se que o sigilo, a contenção de informações tem particular relevância para o sucesso das operações e investigações policiais, tanto quanto para a segurança de seus agentes. Tratar o segredo com mais um dos elementos de auto proteção e coesão interna. (BATITUCCI, 2011).

Este último quadro é cortado por uma imagem inesperada de uma câmera noturna e um áudio que dão a entender que são de vigilância da polícia americana. Nestas imagens, os interlocutores desconhecidos até então, falam sobre “um pequeno problema”. Logo se dá um tom de cobrança: o “*Senhor do sul*” *precisa fazer algo, eles são apenas dois policiais certo; sim dois policiais, cuide desses idiotas ou eu cuidarei de você, tem algum problema com isso? Considere feito, e não faça merda! Pessoas odeiam policiais, pessoas em gangue; observe o que você está dizendo; eu irei fazer*. Trata-se de um diálogo do grande chefe do tráfico mexicano, tramando com seu interlocutor da gangue “Carby Side”, a morte de Taylor e Zavala. É a “*cobra voltando-se para picá-los*”, uma referencia ao alerta do risco que estariam sofrendo, feito pelo agente federal aos dois policiais. *Risco* é o conceito central, já que representa uma condição intrínseca à profissão policial. Os estudiosos que avaliam *risco* apontam que as situações englobadas por essa noção não podem ser consideradas apenas como processos objetivos e redutíveis a análises quantitativas, uma vez que fatores culturais afetam o julgamento dos indivíduos sobre ocorrências arriscadas. (MINAYO, 2007).

Taylor e Zavala encontram com um membro da gangue “Sangue” que os alerta que estão marcados, que tomem cuidado; eles não consideram sério, pois como policiais sempre há alguém querendo matá-los. É essa subjetividade da análise da potencialidade do “risco”, que (MINAYO, 2007) assevera que dependem de fatores culturais. A influência cultural nesta análise é tão significativa que interfere no adequado julgamento acerca do risco. Talvez, exatamente por influência desse juízo, a dupla não percebe que está sendo seguida pela gangue “Carby side”. Por sorte, eles não se entendem sobre como matar os policias. Eles desistem, dizem que precisam de um plano.

Novamente a gangue “Carby Side” reaparece tramando contra os protagonistas. Um carro cruza o sinal vermelho na frente deles; a perseguição inicia sem notarem que estão sendo atraídos para uma armadilha. Esses profissionais têm consciência de que perigo e audácia são inerentes aos atributos de suas atividades.

Taylor informa pelo rádio que se trata de uma minivan; não recorda que é o tipo de carro preferido pela “Carby Side” para efetuar suas ações. Aqui cabe ressaltar algumas questões sobre a variabilidade do comportamento policial frente às situações de trabalho ou de risco. A capacidade técnica, como resultados das habilidades específicas da

preparação profissional são insuficientes ou os fatores situacionais prevalecem sobre o caráter profissional da atuação policial? Questão a ser observada.



O suspeito para seu veículo e entra num prédio de apartamentos, a gangue espera para a emboscada. Os policiais, de fato, são emboscados. Mas, conseguem escapar dos disparos e entram em um apartamento; a moradora em desespero pede que eles saiam de sua casa. Outra questão se coloca em tela; a mulher pede que saiam do apartamento dela por medo de represália dos bandidos ou por que há uma falta de confiança na polícia? Essa é uma das questões que mais se destacam no trabalho de (BATITUCCI, 2011), sobre a modernização da polícia com base no modelo profissional burocrático, o distanciamento entre a Polícia e a comunidade.

Os policiais pedem reforços pelo telefone, o rádio não tem sinal, eles são atacados novamente dentro do apartamento onde se refugiaram. Taylor traça uma alternativa tática para saírem de lá. Eles conseguem chegar até a rua, encontram um membro da gangue que faz a vigia, atiram e o matam. Eles seguem pelo beco até serem emboscados novamente, os dois recebem muitos tiros, um disparo acerta a câmera de bolso de Taylor que cai. Zavala cuida de Taylor que foi atingido, quando é novamente atacado pelas costas. Um cai sobre o outro.

Xeque mate puto! Diz a líder da gangue. Por um momento, quer parecer que o mal prevalece sobre o esforço heróico do bem. Porém, o reforço chega e mata a os membros

da gangue. O plano ideologizado do filme permanece, garantindo a supremacia do bem sobre o mal.

Nas cenas finais, se segue um funeral com honras militares, mas apenas um caixão, Taylor está vivo. É o oficial Zavala que está morto, a esposa Gaby e o filho de Zavala estão lá entre os policiais. Taylor discursa, mas o máximo que consegue dizer antes de ser tomado pela emoção é: ele era meu irmão.

As cenas aéreas da metrópole encerram o filme, como se renunciassem os perigos nas grandes cidades e seus subúrbios, submetendo cidadãos e policiais as mesmas condições de risco, cada qual a sua vez e ao seu modo.

## **RESULTADOS E CONCLUSÕES**

De maneira geral, a realidade da atuação policial está ainda muito distante da realidade idealizada por David Ayer, principalmente no que tange ao respeito às limitações legais e normativas da ação policial. Pois, mesmo ainda, dentro da realidade pôde-se observar algum grau de desvio dentro das limitações impostas pelo Estado Democrático de Direito ou o Império da Lei. Mesmo que tais desvios sejam moralmente aceitos, quando um agente exerce sua discricionariedade não há mais como definir até que graus tais irregularidades são aceitáveis. Desse modo, ainda que o regime hierárquico e a disciplina militar exerçam forte pressão sobre a performance, os policiais ainda exercem certa discricionariedade que inclusive ultrapassam os limites de suas prerrogativas.

Os limites ou as prerrogativas das atuações dos oficiais de polícia se dão em função de suas atribuições, inerentes à suas patentes ou ao grau de complexidade desses serviços. “Marcados para morrer” mostra bem essas diferenças, ao longo de todo filme foi possível extrair de falas, tais como: “... Eu mal terminei o ensino médio” ou “Você vai entrar pra polícia, sem diploma de nível superior, é a única forma de ganhar dinheiro”; que a estratificação do trabalho também é uma característica ligada aos níveis de escolaridade e preparação do policial. Tais distinções seguem no campo das relações socioeconômicas, pois quanto mais preparado, mais complexas serão suas atribuições e, conseqüentemente o nível de recompensa será proporcional.

Contudo, em que pese essas diferenças, os riscos a que os policiais são submetidos diariamente podem alcançar a todos indiscriminadamente, policiais ou não. Há uma mensagem clara de que o crime e a criminalidade violenta crescem principalmente financiados pelo tráfico de drogas e pela disputa de áreas pelas gangues do tráfico.

As grandes cidades com suas “áreas de exclusão”, os subúrbios principalmente são as regiões mais afetadas ou pelo menos onde tem sido mais evidente os efeitos da criminalidade violenta. Assim, os subúrbios têm sido cenários não mais da simples delinquência, mas de cenas aterradoras e macabras como visto, de tortura, cárcere e tráfico humano até a silagem do mercado das drogas ilícitas. É diante deste cenário que o Estado tenta exercer seu poder de polícia e onde o agente público assume os contornos de um herói.

Diante da realidade modificada pela violência, os policiais expõem seu lado humano, pois a dura rotina os obriga a conviver no limite entre o melhor do homem que tem como intenção precípua “servir e proteger” ou embrutecimento que essa rotina oferece. Enfim, os protagonistas demonstram “ter um coração como o seu”, humano! Diante de um quadro apresentado, os policiais mostram pertencer a uma subcultura, onde as relações sociais possíveis realizam-se na grande maioria das vezes entre eles mesmos. Assim, mantendo valores próprios, se retiram da sociedade convencional como forma de auto proteção.

É nessa realidade contraditória ao Estado de Direito, onde os processos sociais apontam a falta de racionalização moral, que o policial passa seu turno de trabalho submetido às mais diversas pressões, tendo como a mais cruel a possibilidade da morte, sem, contudo dar a interpretação adequada aos riscos a que está submetido. A perseguição de Taylor e Zavala, inicialmente, por uma simples infração de trânsito e, que encerrou com a morte do policial Zavala demonstra tanto um estado de iniquidade dentro do Estado Democrático, bem como as percepções de risco e perigo são mal avaliadas num Estado de deterioração das racionalidades morais. A morte de um oficial de polícia, Zavala, demonstra quão inesperado e doloroso pode ser o “fim de turno” de trabalho.





## REFERENCIAS

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in)segurança pública.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, nov. 2007. <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n11/23.pdf> Acessado em 14/06/2014.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Cinema: o mundo do trabalho através do cinema.** V. 2; Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2008.

BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. **A polícia em transição: O modelo profissional-burocrático de policiamento e hipóteses sobre os limites da profissionalização das polícias brasileiras.** DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 4 - no 1 - JAN/FEV/MAR 2011 - pp. 65-96.

**Amaury Suzart F. Silva**

*Enfermeiro, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos – UFPA*

**Wilson Jose Barp**

*Dr. em Ciências Sociais, Professor do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos – UFPA*